

ALFARRÁBIOS

2016©ssquerdosautorais

Fanzine Coletivo

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias
responsável: Paulo de Carvalho

Contato:

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Niterói
Brasil

Adriana Mayrinck

Adriana Mayrinck, produtora cultural, fundou a empresa IN-FINITA, morou no Rio de Janeiro e Recife, e em 2017 mudou-se para Lisboa e divulga os autores brasileiros e portugueses, em seus projetos e eventos. Representante da União Brasileira de Escritores (UBE-RECIFE), faz parte da Academia Virtual da Língua Portuguesa, representando o Brasil, na cadeira OLGA SAVARY. Tem um livro publicado, participa em algumas antologias no Brasil, Portugal e Suíça.



Reflexos

Ando com sede de silêncios
e de sorver toda a poesia que há em ti.
E sei bem,
que poema se faz de alegrias e tormentos,
o que fala e o que cala na alma e no tempo.
Faço dos dias um vácuo
onde o corpo e a alma se desprendem,
onde um está, o outro já partiu.
Ando desencontrada de mim.
Um pedaço meu vive em tuas terras
e é arado por teus sentidos.
E uma parte de ti,
com toda a sua concretude e abstração,

ALFARRÁBIOS IX

pousa em meus ombros e me acompanha.
Ando com sede do inexplorado,
e de só caminhar ao teu lado.
De mãos dadas e palavras inventadas.
Ou de silêncios cúmplices
e bocas entreabertas.
Faço dos dias uma repetição
de ecos e sensações,
e nem tento adivinhar qual caminho
que devo percorrer.
Refugio-me por entre árvores e pássaros
e distancio-me das coisas do lado de fora.
Para construir letras
e percorrer com mais leveza e entendimento
o teu lado de dentro.
Ando desencontrada de mim.

Adriana Mayrinck



Dentro de nós

Envio-te raios de sol
páro a chuva
aqueço o frio
ilumino o dia pálido
resgato o seu riso
invado suas horas
sem permissão
faço barulho no teu silêncio
vejo a mim
em tuas palavras

e te vejo em
meus momentos
a vida
está ali
olhando
para o amanhã
espero
o instante
para jogar flores
espalhar perfume
e cantar aquela melodia
que segue no vento
jogar-me em teus braços
para sorrir o mesmo sorriso
perder-me em teu olhar
e sentir...
que a vida floresceu
dentro de nós.

Adriana Mayrinck

ADRIANA MAYRINCK Re-canto

É mais do que um encontro,
no meio das esperas
É mais do que um desejo a realizar
Não é fugaz
Não é só um momento
Não é só paixão
É o calor que aquece as horas

ALFARRABIOS IX

É a sintonia que completa, espaços
É o olhar que se aprofunda e encontra reflexos
É a luz que guia e clareia os instantes
É a melodia, no canto dos pássaros
É a profundidade e calma dos oceanos
É o despertar do tempo que chegou
É o querer em brasas que renasce, em chamas
É o dia contado em eternidades,
É a alma que pousou
É a palavra amor, com significados
É unicidade e completude
É o jardim, que atrai borboletas
Espalha perfumes e chamamentos

É o meu corpo, o teu recanto
que abriga, acolhe, aconchega

E te faz voar !

Adriana Mayrinck



Andreia Maraglia

Psicóloga, especialista em
psicologia clínica, amante
da vida.



A CAVERNA

No imaginário popular existem muitos mistérios sobre as cavernas. Um destes mistérios é a compreensão da caverna como um lugar sagrado. Nesta nossa pequena conversa, tomarei emprestada a ideia de caverna como este lugar sagrado. A caverna deste ensaio não será aquele formato geológico de cavidade rochosa com dimensões que permitem a entrada de um ser humano, descrita pelos geólogos. A caverna proposta aqui é uma dimensão também permitida aos humanos, mas um lugar um pouco diferente do buraco rochoso. Ela é a dimensão da alma humana que só pode ser alcançada através do silêncio do coração, para que se possa chegar ao profundo sentimento mais primitivo e verdadeiro que mora nas entranhas do ser.

ALFARRÁBIOS IX

Visitar esta caverna é tarefa mais difícil que penetrar na cavidade geológica. A dificuldade está em ter contato com aquilo que não é trivial: o pedaço de nós que fica latente, mas submerso, nossa sombra (Carl Gustav Jung). A caverna metafórica é o espaço encontrado nos momentos de solidão. Naqueles momentos em que a conversa é face a face com a nossa mais verdadeira imagem. Aquela que não nos conta mentiras. Nestes encontros, os disfarces são desnecessários porque não funcionam. O autoengano não consegue fazer seu trabalho. É neste momento que surge, para quem decide prosseguir no caminho de enfrentar e conhecer a si mesmo, o diálogo mais frutífero de uma vida: um bate papo profundo com a natureza do próprio ser.

Nos momentos do cotidiano nosso ser está a serviço das tarefas da sobrevivência, o que inclui o contato, muitas vezes superficial e acelerado, em sociedade. Na atualidade, constatamos uma sociedade seriamente enferma diante de tantos avanços tecnológicos e retrocessos de valores civilizados. Adoecemos nas exigências e constatações das barbaridades do mundo. Sofremos com nossa impotência diante das escolhas equivocadas do outro e com aquilo que possa nos afetar. Somos tomados por sentimentos que, muitas vezes, não encontram espaço de alívio. É o mundo, é a vida.

Alguns homens de nosso tempo, voltam então para a moradia ancestral: a caverna. O espaço sagrado para “dar um tempo”. É aí que a viagem se inicia. A viagem do encontro com o mais profundo de todos os alicerces: a própria alma. Neste espaço os pensamentos não encontram a referência do outro, a resposta que nos consola apoiando nossas escolhas, criticando nossos julgamentos distorcidos, aliviando nossa culpa ou nossos medos. Na caverna, não há como recorrer a isso. Nossos pensa-

ALFARRÁBIOS IX

mentos encontram somente nossas próprias referências e assim vamos encontrando revelações sobre quem somos ou quem podemos ser. Não se enganem, isso pode ser assustador, ao mesmo tempo que é magnífico. Assustador porque nossos pensamentos não caminham sempre por jardins floridos. Magnífico porque, no silêncio, podemos descobrir possibilidades de escolhas mesmo dentro de nossas cercanias. Algum amadurecimento então é possível pelas avenidas que podemos encontrar no caminho interior. Neste trajeto encontramos a visão das mudanças possíveis, da aceitação de nossos limites e possibilidades, de nossos tortos e direitos, de nossas ambivalências e ambiguidades. Nossa face aparece sem espelho. A visão não tem anteparo, não é devolvida por ninguém. É nua e crua. Sem expressões de conforto ou alívio. Aviso: isso pode amadurecer, mas também adoecer: cuidado!

O amadurecimento é possível quando os períodos de encarceramento se alternam com o convívio social que nos alimenta de amor e carinho, no encontro com amigos, no trabalho que oferecemos ao mundo. O adoecimento pode surgir pelo afastamento da vida que promove uma solidão adoecida, encarceramento da alma na caverna sem “sair do buraco”. A boa caverna tem a porta aberta, sua única forma de condenação é a nossa liberdade, como diria Sartre: “O homem está condenado a ser livre”, para entrar e sair da caverna a hora que quiser. Eu defendo uma boa caverna.

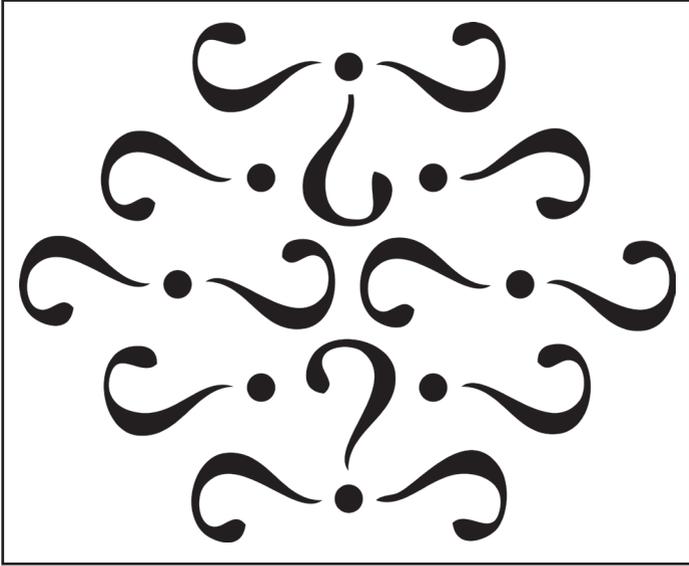
Gringo Carioca



O poeta Marco Alexandre de Oliveira, conhecido também como Gringo Carioca, nasceu em Colúmbia (EUA) e vive no Rio de Janeiro, RJ. É doutor em Literatura Comparada, com mestrado em Letras Neolatinas e graduação em Ciência da Religião. Publicou os livros Manifestos & manifestações (Patuá, 2018) e Reflexos & reflexões (Oito e Meio, 2014) e participou com poemas visuais de 4 exposições.

Nesta edição, tanto “riddle” (“charada”) quanto “write” (“escrever”) poderiam ser considerados poemas visuais ou (cali)gráficos em que a forma e o conteúdo se (con)fundem através do espelhamento e do estranhamento como técnicas poético-estéticas.

gringocarioca@gmail.com



charada - Gringo Carioca



write - Gringo Carioca

Jammy Said

Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol
Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)
Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



O Amor é uma Delícia

Desci as escadas do desespero.
Corri e tropecei nos meus anseios.
Sussurrei no seu ouvido..
O meu Corpo estremeceu de frio.
Você me aqueceu com seu Abraço.
Senti seu halito morno a ouvir sua voz.
Descansei nos seus braços..
Meu dia se fez tranqüilo.
Agora não é somente eu .
Somos nós..
A noite se fez presente,intensa.
E o calor dos nossos Corpos presente.
Cheiro do Amor
O perfume exalou pelo quarto..
Fechei os olhos..
Perfume de flor.
Carinho,Carícias..
O amor é uma Delicia.

Fruta saborosa.
Nossos labios umedecidos se encontraram.
E nossos Corpos se amaram.

Jammy Said



Tormentas

Foram muitos sonhos e fantasias espalhados pelo caminho.
Deixei tudo para trás para construir meu ninho.
Quantas noites sem dormir..
Travesseiro molhado de lágrimas..
Pesadelos me perseguiram por dias intermináveis.
Sofri calada..
Fantasmas criados por mim..
Alimentei as ilusões..
Cultivei sentimentos, desejos.
Acelerei o tempo.
Mas você não estava..
Gritei no escuro..
Porém não me escutou..
Abafei minha dor..
Cortei meus pulsos..
Arranquei a esperança do meu peito..
A dor me perseguiu insistente.
Carreguei o peso das minhas escolhas.
Não decidi por mim..
Eu era tão você..
Esqueci da minha essência.
Adormeci em tormentas..
Confusão mental.
Covulsões.
Espasmos..

Palavras desconexas..
Sangrei..
Adormeci eternamente nos braços do medo.

Jammy Said



Flor Amarela

No vai e vem pela cidade vejo multidões de estranhos..
Todos com olhares cansados.
Andar apressado,sem sorrisos no rosto.
De repente visualizo uma flor Amarela no Asfalto de pedra.
Observo a flor por uns instantes.
Momento único.
Fico em extase parada.
Ao meu redor o povo continua apressado.
Mas para mim o tempo parou naquele instante.
Somente uma Flor me fez parar.
Registrei o momento único na minha mente
e com meu celular.
O Asfalto e a Flor.
Pedra e Amor.
E o tempo passou..
Agachei e em reverência acariciei a Flor Singela Amarela.
Fiquei ali parada enquanto o povo a minha volta caminhava
apressado.
Ninguém viu a Flor somente uma Mulher agachada no meio da
Rua.
No meio do nada..
Olhares me observavam enquanto passavam..
A Flor tão pequenina perto de mim e no meio do Asfalto.
Ninguém enxergava a Beleza da Flor.
A Flor Amarela que me convidou a parar ..
Sair da Correria do dia a dia.

ALFARRÁBIOS IX

Observa o Belo, analisar cada detalhe da tão bela flor.
Registrei em imagem a Flor ainda viçosa e bela..
Estava tão quietinha como a árvore de onde tinha caído.
Eu queria ficar com aquela imagem viva..
ninguém observava suas irmãzinhas ali sozinhas e não podiam
ajuda-la, pois em algumas horas morreria.
Iria murchar aos pés de sua mãezinha.
No asfalto quente alguém pisaria.
Não iria ver tão formosa Flor Amarela que ali ficaria.
Morta, pisada, amassada em frente à sua família.
Eu precisaria seguir meu Caminho..
E a Flor Amarela no chão ficaria..
Não poderia protegê-la dos pedestres..
E todos sequer a notariam.
A Flor Amarela já estava partindo.
Senti seu último suspiro.
Me agradeceu o tempo que doei.
Meu Carinho e Proteção..
Vi suas pétalas de um amarelo intenso
molhadas com o suor do Calor..
Eram suas últimas lágrimas de despedida.
Só me restou o Adeus Flor Amarela.
Partiu também meu Coração.
Abracei sua mãe e Chorei..
Levantei e retornei o meu caminhar apressado pelo asfalto quente.
Olhando sempre em frente para ver se encontro uma Flor para
parar meu Dia.

Jammy Said



João Ayres

João Ayres é poeta, contista, romancista, compositor e cantor de samba de raiz, jazz e blues. Assina parcerias de Blues e Jazz com Paulo Ferro, Renato Zanata, Léo Fernandes, Thiago-Ajary. Assina parcerias de sambas de raiz com Delcio Carvalho, João de Abreu Borges, Léo Fernandes, Vitor Juliani, Helena Bruzzani e Maestro Mazzoni.

Foi membro do Gamboa Samba e Poesia como vocalista e compositor, com shows no Morro da Conceição, na Lapa, Teresópolis, na região oceânica em Niterói e na Casa da América Latina nas Laranjeiras. É responsável pela biografia de Delcio Carvalho.

Está no cd profissão compositor juntamente com Mário Lago Filho, Sérgio Fonseca, Zé Ketí, Luisão Maia e outros. Publicou POEMAS DO RASGO DA HORA, POEMAS EM RISTE, POEMAS EM CORTE PROFUNDOS, POEMAS MALDITOS e recentemente POEMAS ESCUROS pela editora Armazém de Quinquilharias e Gramática do Crucial Desespero.

É também líder de sua banda de jazz e blues (JOHNNY B AND) e de seu grupo de samba (João Ayres Samba de Raiz);

Em breve lançará pela Armazém de Quinquilharias

Histórias para nenhum boi dormir {no prelo.

Mula com ou sem cabeça)
Galopando em gerúndio)
No substantivo madrugada.

Mula com ou sem cabeça)
Carregando em gerúndo qualquer peso)
Envolta pelo substantivo existência.

Mula com ou sem cabeça)
Qualificável em desprovida de corpo)
Em sangue espreado no holocausto com cheiro de carne fresca.

Mula com ou sem cabeça)
Galopando em gerúndio)
No fim do substantivo mundo.

30 Um homem morto)
Qualificável em qualquer)
Em pronome indefinido)
Craseado em saiu à rua.
Adverbiado em quando repentinamente)
Tropeçou em pretérito perfeito em terceira pessoa do singular)
Substantivado em cabeça)
Contra a proparoxítora paralelepípedo.
Um homem com o substantivo miolo exposto e flexionado no plural)
Estendido na frieza do substantivo chão)
Ditongado em ão e ainda em azarão)
Um homem qualificável em morto no abandono da palavra tarde)
Um homem qualificável em qualquer)
Tão indefinido quanto o abandono deste substantivo tarde.

32 Quero no verbo querer)

ALFARRÁBIOS IX

O que não pode existir)
Quero sendo este o sinônimo de desejo)
O infinito em quem diz alguma coisa no substantivo escuridão.

Uma fala qualificável em morta)
Um dizer que perdi aquilo que estava bem ali)
Um onde em vocativo fortalecido por esta angústia qualificável em assídua)
Em números que me levem até a data de minha morte.

Possessivo eu me desitegro em vosso)
E me escondo no verbo esconder em avérbio de lugar numa vasilha de óleo qualificável em quente)
Não sou nada no substantivo nada e no mais o que não pode existir)
Como o substantivo sombra que desaparece numa hora qualquer adjetivada em torpe.

31

Aquilo ou isto
Ou isto ou aquilo em é isto o que procuras ali?
Este ou aquele que por aqui circulava)
Não me lembro ou não me recordo)
Bem ali ao lado de.
Esta ou aquela, isso ou aquilo e fulana e coisa tal)
Que sumiu sem deixar em indefinido nenhum e mais o substantivo vestígio)
Minha ou nossa ou tua ou vossa)
Quem diria que Vossa Excelência quebraria o protocolo)
Nomeando no vazio este ou aquele)
Para o tal cargo de solidão...

Quem em isto aquilo)

ALFARRÁBIOS IX

Faria o que faria em este ou aquele)

E mais a preposição com, quem, quem diria)

Que com este ou aquele ou com estes ou aqueles)

Tal se cumpriria em futuro pretérito, na hora tal e no dia tal)

Quem e mais a preposição com este ou aquele ou com estes ou com aqueles)

Em meu, teu, seu, nosso vosso)

Em minha, tua, nossa, vossa.

Jordão Pablo de Pão

Escritor. Produtor de Projetos, Atividades e Eventos Literários. Revisor de Texto. Professor. Gestor de Conteúdo e de Atividades Culturais. Filho de Izabel e Jordão, profundamente influenciado por Bethânia, Carmen, Clarice e Elis, amante da cultura popular brasileira. Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Agraciado com a Medalha José Cândido de Carvalho, da Câmara Municipal de Niterói. Colaborador de periódicos culturais, curador de atividades literárias e participante de diversos grupos da arte da palavra em Niterói (RJ).

Obras individuais: “O Mar do Meu Velho” (Ed. Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2018, livro), “Energia” (Ed. do autor, 2017, fanzine) e “Abre Caminhos” (Ed. Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2017, fanzine).

Acesse www.jordaopablo.wordpress.com

DENÚNCIA

o menino
 mão estendida
tio, um trocado
 é mais uma vítima
 desse pretenso sistema
 de cortesias não cortesias
 a que chamamos
 sociedade



DEPENDÊNCIA

56%

marcador no visor
espelho negro
indicador do desalento
deflagrador de incômodos
o tempo urge
o meu dia acaba

DESTERRO

menino danado
sai daqui
larga essas coisas
larga suas coisas
seu agora não resolve
ela está morta
você está só
parta
descubra seu lugar
encante-se
perpetue
parta com dignidade
definitivamente
coragem para a luta.

DESVIO

prenha?!
como assim está prenha?!
tão menina ainda...
criança cuidada por outra
sabia que era puta

ALFARRABIOS IX

abre as pernas para qualquer um
faz carinhos por dinheiro
menina desabrochada aos nove
não podia dar coisa boa
só vou ajudar
porque ela me sustenta

DEVOCIONAL

Para Jordão de Pão, como tudo na minha vida

abro a boca
balbucio
sou bebê outra vez
não consigo
não tem como
quando chegou a notícia
aquele ponto acentuado
fora da curva
não era sobre ti
era sobre mim
órfão?!
órfão.

não sabia o que era
até ecoar a despedida
no fundo do ouvido
“ele não está mais aqui”
como você poderia?
não estar ali?
como ali?
não estar você?
eles não sabem
meu velho é eterno
porque o amor
floresceu
redimensionou

ressignificou
o amor que te devoto
não é deste mundo
não mesmo

DIA FRIO

amanheceu um dia cinza
desses em que a gente foge
ou se esconde
ou metamorfoseia
vinte e quatro horas aflitas
a gemer a dor
de um dia estar pronto
e não ser nascido
dia quase eterno
carente de amores
ardente em temores
quero um novo tempo
sem que as agruras
os sortilégios
as carícias individuais
sejam apenas memória
tristes registros
de momentos inverniais
que a paz fremente
o diálogo intenso
o amor de pertencer
dias frios não mais
espasmos de tempos a mais
abertos em poder ser
prementes de vir a conquistar



José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista

AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE

No dia seguinte, ninguém morreu. Assim começa a narrativa do escritor português José Saramago¹ de um fato absolutamente insólito: em um determinado país, a partir do primeiro instante do Ano Novo, a morte suspendeu as suas atividades. O fato, como assinala o narrador, “Por ser absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme” (p.2). E temos uma detalhada descrição de uma série dessas perturbações de ordem social, econômica, política, filosófica, moral e religiosa que se seguiram a um primeiro momento de grande felicidade pelo atingimento da imortalidade.

Os primeiros a reclamar, por sentirem-se diretamente afetados em suas atividades, foram aqueles ligados ao setor funerário. Claro está que, não havendo mais defuntos, perdiam

¹ As Intermitências da morte, Companhia das Letras, 2005.

eles a matéria prima fundamental de seu negócio. Acenando ao governo com a perspectiva de iminente falência, e conseqüente desemprego em massa, pediram, no que foram atendidos, medidas compensatórias. Tais medidas se consubstanciavam na obrigatoriedade de enterrar-se, com todas as pompas funerárias que anteriormente eram devidas aos seres humanos, todo e qualquer animal de estimação; gato, cachorro, papagaio, seja lá o que fosse.

Não morrendo ninguém, os hospitais logo ficariam superlotados com pacientes em estado terminal, e que não morreriam nunca, pelo que os diretores daquelas instituições levaram esta dramática condição às autoridades públicas. Estas determinaram que pacientes sem possibilidade de recuperação deveriam ser devolvidos às suas respectivas famílias, e que os hospitais continuariam a lhes prestar assistência como se internados ainda estivessem.

Idênticos problemas de superlotação sofreriam os asilos para idosos, chamados de Lares do Feliz Ocaso. Em termos especialmente dramáticos os diretores dessas instituições alertaram as autoridades das conseqüências do viver infinito sobre os Lares: “o que aí nos vem em cima é o pior dos pesadelos que alguma vez um ser humano pôde haver sonhado, nem mesmo nas escuras cavernas, quando tudo era terror e tremor, se terá visto semelhante cousa...” (p.32).

Novamente o fator econômico: o presidente da Federação das Companhias Seguradoras comunicou ao governo que as filiações estavam recebendo uma avalanche de cartas de seus segurados pedindo o cancelamento de suas apólices de seguro de vida. É claro, se ninguém vai morrer, não faz mais sentido continuar-se pagando prêmio de seguro de vida.

Mas os problemas não se limitavam aos de ordem econômica. A religião perderia sua razão de ser, pois ela precisava da

morte, da certeza da morte e da ressurreição para justificar-se. A morte era absolutamente essencial para a realização do reino de Deus. A religião católica, majoritária no país, tinha aguda consciência da questão, e propunha redobradas orações para o restabelecimento da morte.

E a questão moral. As famílias começaram a se cansar de seus moribundos, de familiares que no limiar da passagem, em condições de completa irreversibilidade em sua condição de saúde, restariam prostrados para sempre em seu leito de outrora morte. Era preciso livrar-se deles, de alguma maneira, sem sentir remorsos. Descobriu-se, então, que em um país limítrofe, a morte continuava a operar normalmente. Uma família teve então a ideia de para lá transportar, clandestinamente, um avozinho, que queria morrer, e uma criança da família, ambos sem qualquer possibilidade de cura. O plano deu certo: ambos morreram no exato momento em que a fronteira foi cruzada, sendo enterrados naquele país vizinho. A notícia vazou, a família dos falecidos se viu alvo de exacerbadas críticas por sua desumanidade, mas logo outras famílias adotavam idêntico procedimento, até que os governos dos três países limítrofes protestaram, o que obrigou o chefe de governo do país onde ninguém morria anunciar que colocaria as forças armadas nas fronteiras para coibir a prática.

Mas o pronunciamento do chefe de governo foi puramente de fachada, pois, no fundo o governo não via inteiramente com maus olhos um procedimento que ajudava o país a conter a crescente pressão demográfica. Atravessamentos de fronteira continuaram a ocorrer, apenas num fluxo mais lento, com a conivência dos vigilantes que o governo encarregou de decidirem caso a caso sobre quem poderia ser transportado para o além. Foi quando surgiu uma organização criminoso, a máphia (grafada propositalmente com ph, para diferenciá-la da máfia que todos conhecemos) a impor-se às famílias como intermediária das operações de transporte de seus moribundos para os países vizinhos. Em tal

condição a máfia conseguiu pressionando o governo através de sucessivos e brutais atentados aos vigilantes, que só não morreram do efeito de tais agressões por razões óbvias. O governo foi então forçado a fazer um trato com a máfia, que passaria a controlar uma expressiva parcela do contingente de vigilantes.

E assim as coisas foram seguindo. A ambiguidade das pessoas em relação à situação absolutamente fora de qualquer normalidade é bem expressa pelo narrador ao descrever a tentativa de golpe da oposição contra o regime, “aproveitando-se da perturbação em que o país mal vivia, dividido como estava entre a vaidade de saber-se único em todo o planeta e o desassossego de não ser como toda a gente” (p.82).

Eis que, de modo completamente inesperado, a própria morte manda um comunicado anunciando que voltaria a atuar, a partir meia noite do dia desse aviso. E explicava por que decidira suspender as suas atividades, que fora para oferecer aos seres humanos que tanto a detestam “uma pequena mostra do que seria para eles viver para sempre, isto é, eternamente” (p.99). Reconhecendo o que ela considerava como lamentáveis, tanto do ponto de vista moral, como do ponto de vista pragmático, os resultados da experiência, a morte decidira o imediato regresso às suas atividades. Apenas que agora, salvo para aqueles que já deveriam ter morrido durante o período da experiência, e esses morreriam imediatamente a partir da meia-noite, todos os demais teriam sua morte avisada com uma antecedência prévia de uma semana, tempo este que ela julgava necessário a que o condenado pudesse tomar todas as providências cabíveis – testamentárias, apresentar suas despedidas, fazer reconciliações etc. – antes de sua partida definitiva. A morte devolvia assim “o supremo medo ao coração dos homens”.

E, efetivamente, o supremo medo foi devolvido ao coração dos homens, só que agora de um modo mais intenso, e onipresente. A morte, ao enviar os avisos através de um envelope de cor

ALFARRÁBIOS IX

violeta, através da mala postal comum, levou os homens a um terror permanente, sempre na expectativa de receberem a visita dos funcionários dos correios, agora os próprios mensageiros da morte, a lhes entregarem os sinistros envelopes da inapelável condenação.

Mais uma vez, em sua oscilação pendular, a população passou a maldizer a morte, e parte da imprensa, fazendo eco a este sentimento, cobriu-a de toda a sorte de impropérios. Mas houve aqueles que de maneira mais ponderada, propuseram um diálogo franco e sincero com a morte. Mas, como encontrá-la? Todas as tentativas de achá-la, é claro, resultaram totalmente inúteis. As cartas seguem metodicamente sendo escritas por ela, postada em seu covil inteiramente a salvo das buscas humanas, e expedidas a um simples gesto de sua mão aos correios para a entrega final aos desgraçados destinatários.

Mas eis que o narrador reserva uma surpresa ao leitor, e à própria morte. De forma completamente inesperada e inexplicada, uma das cartas expedidas retorna à remetente. E novamente retorna após a morte ter efetuado mais duas remessas. Frustrada, a morte busca em seus arquivos dados biográficos daquele que já deveria ter morrido, mas que continuava vivo. Era um violoncelista, que acabara de completar cinquenta anos de idade, quando deveria ter morrido de véspera, ainda com quarenta e nove anos. Decide visitar a casa deste homem, e o descobre um solitário, vivendo com a companhia única de um cão e a tocar dois instrumentos musicais, um piano e um violoncelo, este o seu ganha-pão na condição de músico de uma orquestra sinfônica.

Investindo-se na forma humana de uma bela e misteriosa mulher, a morte assiste a um concerto no qual o músico executa um pungente solo, que assombra o maestro, a orquestra e a plateia. A morte o procura ao final do concerto e lhe apresenta seus cumprimentos. Termina o período que ela estabelecera para sua ausência de seu recanto nas profundezas, seria necessário re-

ALFARRÁBIOS IX

gressar para subscrever uma nova leva de cartas. Mas ela decide prorrogar sua estada entre os vivos por um dia a mais. Ainda encarnada, vai à casa do músico e mais uma vez se enternece com a uma peça de Bach que ele executa a pedido dela. Não só desiste de matá-lo, de lhe entregar pessoalmente a carta de cor violeta que estava em sua bolsa, como lhe oferece a boca, com ele se deita e fazem amor, uma, duas, três vezes.

E por não ter a morte expedido as cartas a seu tempo próprio, no dia seguinte ninguém morreu.

A hiperbólica trama traçada por Saramago demonstra a ambiguidade do ser humano em relação à morte. Sofre com a certeza de que ela é inevitável, maldiz esta condição e tenta fazer de conta que a morte é sempre a dos outros, não a sua própria. O Homem da narrativa não se aceita como um ser-para-a-morte heideggeriano. Porém, ante a cessação da morte, e do advento de seus catastróficos efeitos, volta a desejá-la, considerando que sua ausência constitui-se no maior dos horrores. Mas eis que o retorno da morte novamente lança o homem no desespero, passa agora a injuriá-la justamente por ter ela voltado a fazer aquilo pelo qual ele tanto ansiava. A narrativa de Saramago encerra a oportunidade de uma profunda reflexão sobre a quimera científica de que algum dia o desenvolvimento tecnológico propiciará ao Homem o alcance da vida eterna — e plena de saúde! — aqui mesmo, na Terra.

27/12/2016

José Glauco Ribeiro Tostes

José Glauco Ribeiro Tostes,
Prof. Titular aposentado da
UENF (Universidade Estadual
do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro), no interior do Estado
do Rio

MARX E MARIELLE: INTERSEÇÃO LUTA DE CLASSES E LUTA
DE EMANCIPAÇÃO DA MULHER

PROF. JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

INTRODUÇÃO

A execução de Marielle Franco tingiu de vermelho mais um ano de violências no país. Com repercussão internacional. Marielle militava na interseção de, ao menos, quatro movimentos em curso no Brasil: luta de classes (na construção do socialismo) /luta de emancipação da mulher/luta do povo negro contra o racismo/luta LGBTT contra a homofobia em suas múltiplas manifestações. Tais interseções de luta não são absolutamente uma novidade deste séc. XXI. Por exemplo, a ativista negra, Angela Davis, trabalhava, pelo menos, na interseção das três primeiras lutas citadas acima: basta notar o título de uma obra sua de 1981 nos EUA: “Mulheres, Raça e Classe”, traduzida pela BOITEMPO em 2016. Mas ainda existe um longo caminho a se percorrer na direção de um maior entendimento das interseções e relações entre aquelas quatro lutas no âmbito das quais militava Marielle. E esse entendimento (teoria) é que vai alimentar, e ser realimentado, por uma possível crescente unidade da luta (práxis) daqueles quatro segmentos (sem perda da identidade e das especificidades de cada um; trata-se de um processo **dialético** entre teoria e práxis; vide mais adiante o conceito

de “dialética”).

No sentido de colaborar nesse processo de uma necessária unidade [que preserve a diversidade] destas lutas no horizonte, vamos citar aqui trechos da obra de **Marx e Engels** que indicam forte interseção entre luta de classes e luta de emancipação da mulher. Ou melhor ainda: que indicam que a luta de emancipação da mulher pode ser – até certo ponto, ao menos – envolvida, englobada, dentro do próprio conceito de “luta de classes” daqueles dois revolucionários do séc. XIX. Ou seja, trata-se, em Marx e Engels, de um conceito **ampliado** em relação ao que usualmente se nos é apresentado como “luta de classes” nestes dois autores. Na mesma direção vamos a seguir, adicionalmente, trabalhar – também muito rapidamente – com o pensamento de um dos maiores intelectuais marxistas (do séc. XX e deste início de séc. XXI), recém falecido: **I. Meszaros**. Para começar, de modo muito simplificado: o que é “luta de classes”.

LUTA DE CLASSES: O SENTIDO TRADICIONAL

O sentido tradicionalmente aceito para “luta de classes” pode ser exemplificado em seu atual [e universal] estágio histórico: a luta entre “capital e trabalho” ou entre “burguesia e proletariado” desde o início da Revolução Industrial inglesa da segunda metade do séc. XVIII. A burguesia tem a propriedade (privada) total dos grandes meios de produção e ao proletariado cabe apenas vender “livremente” sua força de trabalho no “mercado”, mercado esse por sua vez ligado a crescente urbanização/industrialização ao redor do planeta. Assim, o proletário se transmuta em “mercadoria”, mas uma mercadoria “central” para o acúmulo de riqueza da pequena classe burguesa: esta riqueza proveria de um excedente não pago pela burguesia pelo tempo de trabalho total mensal prestado pelo trabalhador assalariado (a “mais-valia”). Não se confunda, por outro lado, “dinheiro” com “capital”: é necessário que cada

novo candidato a burguês acumule dinheiro acima de uma certa quantidade **mínima** que lhe permita competir no alto e restrito círculo empresarial/financeiro da burguesia. Fora daí, como já mostrava Marx, cai-se em geral no suposto “pequeno empresário” que não é ... empresário no sentido rigoroso acima de “capital”, caindo, portanto, na grande vala comum do fator “trabalho” (trabalho explorado em termos de terceirização a serviço do grande – explorador – capital industrial/financeiro). A luta de classes “capital x trabalho” é um processo (movimento) que acumula riqueza para um dos lados e acumula... **contradições** (daí o emprego de um método **dialético** de análise de classe – trabalhadora – deste processo; “dialética”, grosso modo, envolve geração de movimento na “realidade” através do “motor” das contradições, movimento esse que pode ser capturado através de um método que até certo ponto espelhe essa realidade e ao mesmo tempo sirva como instrumento para transformá-la). A contradição econômica **central** na relação capital x trabalho, tomada do ponto de vista do trabalho, é que o capital precisa cada vez **menos** do trabalhador como **produtor** (devido, em parte ao menos, aos grandes avanços tecnológicos; daí o crescente “derretimento” do emprego) e, **ao mesmo tempo**, precisa cada vez **mais** do mesmo trabalhador como **consumidor**. O problema é que ainda não foi inventado o consumidor **sem** dinheiro! No presente texto o conceito de “luta de classes” vai ficar ampliado para agasalhar (em parte ao menos) dentro dele movimentos de emancipação da **mulher**.

MARX E ENGELS: MULHERES E CLASSE

Todos os trechos citados abaixo foram extraídos do texto de D. Losurdo, “A Luta de Classes: Uma História Política e Filosófica”, da BOITEMPO (2015; original italiano: 2013). Os trechos entre aspas são de Marx e/ou Engels [quem entre eles é o autor aparece entre colchetes]. Os que não contêm aspas são transcritos do próprio Lo-

surdo que às vezes intervém para explicar ou melhor encaminhar ao leitor certos trechos dos dois revolucionários alemães. Trechos entre parêntesis são introduzidos por mim.

O grupo social que sofre “autocracia” e que aguarda “libertação” – trata-se (do grupo) das **mulheres**, sobre as quais pesa a opressão exercida pelo homem entre quatro paredes [Engels].

Na família patriarcal “a mulher e os filhos são **escravos** do homem” [Marx e Engels].

(Um texto de Marx e Engels) que não se cansa de acusar a burguesia por reduzir o proletariado a máquina e a instrumento de trabalho, chama a atenção para o fato de que “para o burguês, a **mulher** nada mais é do que um instrumento de produção”; ora, “se trata precisamente de **arrancar** a mulher do seu papel de simples instrumento de produção” [Marx e Engels].

Tese que Engels formula [...], tese pela qual a emancipação feminina constitui “**a medida da emancipação universal**” [Engels].

Na Rússia pré-moderna (do séc. XIX), submetida a uma impiedosa opressão por parte de seus senhores, os camponeses – observa Marx – aplicam, por sua vez, “horríveis espancamentos até a **morte** de suas mulheres” [Marx].

Tomemos como exemplo a fábrica capitalista: se é verdade que o poder despótico do patrão pesa sobre todos os trabalhadores, é sobre as **mulheres** – ressalta Engels – que se percebe (tal poder) de forma particularmente humilhante. “A sua fábrica é ao mesmo tempo o seu harém” [Engels].

Marx e Engels [...] instituem um nexa entre divisão do trabalho no âmbito da **família** e divisão do trabalho no âmbito da **sociedade**. (Engels), em particular, formula a tese pela qual “a moderna família nuclear é fundada na escravidão doméstica, aberta ou dissimulada, da mulher”; de qualquer maneira, “o homem é o burguês, ao passo que a **mulher** representa o **proletariado**” [Engels].

A razão do nexa entre subjugação da mulher e opressão social como um todo é desenvolvida de maneira mais ampla e orgânica por **Engels**. Escreveu, porém, junto com Marx que: “A **primeira** opressão de **classe** coincide com a opressão do sexo feminino pelo masculino” [Marx e Engels]. Engels aprofunda mais este assunto, que ainda não chegou à conclusão:

“A derrubada do **matriarcado** marcou a derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem assumiu também o comando da casa; a mulher foi degradada e reduzida à servidão; tornou-se escrava da lascívia e mero instrumento para **produção** de filhos. Esse estado de degradação da mulher [...] foi aos poucos embelezado e dissimulado, assumiu por vezes formas mais brandas, mas não foi absolutamente eliminado” [Engels].

MESZAROS: MULHERES E CLASSE

A principal obra de I. Meszaros, PARA ALÉM DO CAPITAL, saiu na edição inglesa original em 1995 e na brasileira (BOITEMPO), em 2002. Neste texto Meszaros (que faleceu recentemente) traça – a seu ver – os quatro limites **absolutos** do capital. Segundo ele quando todos estes quatro limites forem alcançados ao mesmo tempo e historicamente pelo capital, este entrará em crise **estrutural** ou **terminal**. E, segundo o próprio Meszaros, estes limites

já teriam sido alcançados desde os anos 1970, motivo pelo qual o capital já estaria dentro de sua crise terminal. O importante aqui não é se estamos ou não de acordo com essa afirmação catastrófica de Meszaros, mas sim de trazermos a discussão daqueles supostos limites “absolutos” para dentro do presente contexto deste artigo da ALFARRÁBIOS.

Quais são estes quatro supostos limites? a) o primeiro deles, de ordem econômica, já foi mencionado acima como uma contradição **central** da relação capital-trabalho: o trabalhador como produtor e consumidor ao mesmo tempo; b) o segundo, de ordem política, envolve o conflito entre grandes potências capitalistas **imperialistas**; c) o terceiro seria um limite não previsto por Marx: os rumos da atual **crise ambiental**; d) o quarto e último teria a ver justamente com a luta de emancipação das **mulheres**. Já vimos que este último limite não seria estranho a Marx e Engels. Mas aqui também em Meszaros, autor marxista atualíssimo fica patente que tal luta de emancipação feminina também está dentro do contexto central da “**luta de classes**”, motor da história humana segundo o famoso texto “Manifesto Comunista” (1848) de Marx e Engels.

1914-2014: UM NOTÁVEL EXEMPLO HISTÓRICO DA RELAÇÃO LUTA DE CLASSES-MULHER

Apesar dos notáveis avanços até aqui alcançados, a luta de emancipação da mulher em relação a sua relação planetária com os homens ainda está em curso. Vejamos um exemplo centenário desta luta. Ao chegarmos ao início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, os avanços tecnológicos tanto na área de enfermagem como na área de telefonia atingiram tal ponto, que o “mercado” estimulou uma enorme absorção de mão de obra feminina nestas

duas áreas na retaguarda do front desta Guerra, uma vez que não havia recrutamento para mulheres lutarem diretamente no front de batalhas. Esta absorção permitiu – via contexto **econômico** de mercado capitalista – uma grande inflexão na luta da emancipação da mulher do poder **patriarcal** masculino. Mas, usando uma figura de retórica, é como se a mulher estivesse começando a se libertar do colo de cada macho individual para começar a cair no colo de um grande macho “universal”: HERR KAPITAL (o Senhor Capital) na célebre expressão irônica de K. Marx. Como assim? Tomemos, simbolicamente, um período exato de cem anos: 1914-2014. Desde essa entrada maciça da mulher no mercado de trabalho capitalista até hoje o Senhor Capital tem a “agradecer” às mulheres a enorme “colaboração” que ensejou a **exploração do trabalho feminino**. Os salários pagos às mulheres nesses 100 anos têm sido, em média, sistemática e substantivamente **abaixo** dos salários praticados para os homens ao redor do planeta. Se fizermos um cálculo de quanto de **mais-valia** excedente o capital abiscoitou nesses 100 anos com essa **diferença** salarial contra a mulher relativamente ao salário masculino certamente iríamos encontrar alguns **trilhões** de dólares. EPA! Mas isto é justamente o núcleo do que estamos denominando aqui de **luta de classes** na relação capital-trabalho. Marielle: presente! “Mulheres de todo o mundo, uni-vos!”

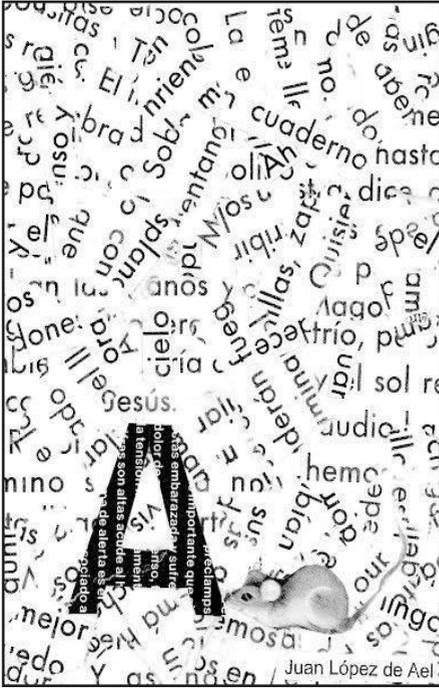
Juan López de Ael



O poeta visual e artista multidisciplinar Juan López de Ael, nasceu em Quintanilla San García (Burgos/Espanha) e vive em Vitoria Gasteiz (País Vasco, Espanha), onde criou a Galeria Itinerante. Graduou-se na Escuela de Artes de Vitoria Gasteiz, realizou mais de 40 exposições individuais em Espanha, Portugal e Alemanha, além de participar de diversas mostras coletivas, inclusive no Rio de Janeiro.

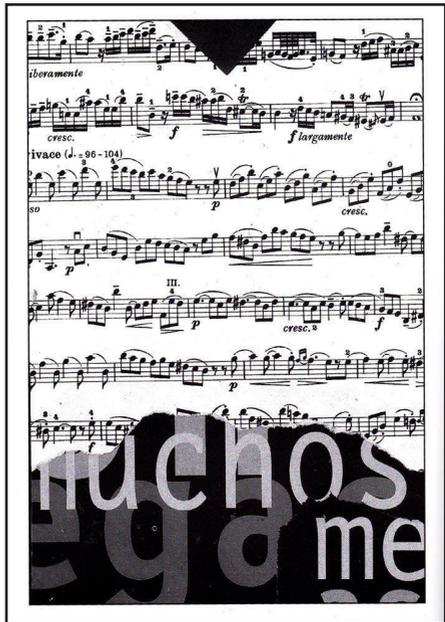
Ativo no segmento da Arte Postal (Arte Correo / Mail Art) colabora nesta edição de Alfarrábios c/ 4 criações de colagens e impressões sobre cartão.

juanlopezdeael@gmail.com



Juan López de Ael - Arte Correo - 01

Juan López de Ael - Arte Correo - 02



JUAN LÓPEZ DE AEL



Juan López de Ael - Arte Correo - 03

Juan López de Ael - Arte Correo - 04



Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.
www.marcovalenca.com

Marco Valença

ALFARRABIOS IX

AMIGA

pisca
e renova a visão
da ponta do nariz
a um ponto infinito

da palma de tua mão
à folha da palmeira
mira e clica
o foco de futuro
de agora ao fim da vida

vai
se faz imagem
se multiplica

fica
se traz inteira
fixa

marco VALENÇA.
08.07.2018.

DAGUERREÓTIPO

sou teu espelho do inferno
a visão do paraíso
o céu do mais belo ocaso
da mais linda aurora
o pesadelo dourado
sua vingança e forra
lembrança no fim do início
retrato de osso e carne
não te afago ou desespero
na carteira o três por quatro
um totem no camafeu
você é sua
sou meu

marco VALENÇA.

08.07.2018.

GRAVURA

grava em meus olhos
um último olhar
que será para sempre

o cizel como faca
a faca feita machado
o machado transformado
em arma de fazer lenha

para a comida e a tábua
cinge com lâmina e óleos
resplandescentes

agrava com nós e águas
pedra metal madeira
derradeiro mirar
antes que anoiteça

marco VALENÇA.

08.07.2018.

VEJO

tudo rupestre grafitado
nem na pedra da memória
ou nos muros dos esquecimentos
mas o todo não impresso
nem no papel nem no vídeo
nos papiros nos tapumes
nos misteriosos cilindros
de pergaminhos

o meu instântaneo
é somente
cimento
do que vivo

marco VALENÇA.

02.07.2018.

Roberta Toster Daniel



Carioca. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas, tais como Mallarmagens, Zunái, Germina, Musa Rara, Diversos Afins, Estrago, Literatura & Fechadura, Incomunidade. Incluída nas antologias “Um girassol nos teus cabelos - poemas para Marielle Franco” (Quintal Edições/ Mulherio das Letras), “Desvio para o Vermelho” (CCSP), “Amar, verbo atemporal” (Rocco), entre outras.

Escreve no blog <http://sedemfrenteaoamar.com>
E publica fotos em:
<http://instagram.com/robertatostesdaniel>

Memorabilia

I

Cartas empunhadas em papel de revista
propagandas na pauta do remetente
acordo eficiente de errejotas e siglas febris
estados inalcançados de nossas mãos dadas
pernas partidas desejo mais doce
que as pequenas horas dos dias desperdiçados.

II

Eras geológicas me consomem o ventre. Peso verbo, pesa-nervos.
Artaurdiana no apartamento em chamas. Degelos pelos hemis-
férios dos retratos, de letras velhas em teorias da conspiração
do momento. Revestidos de poeira centenária, os lustres da casa
caem nas mãos do obreiro. Sobras. O corpo não se encaixa às
mutilações, a luz é seu próprio ambiente e o corpo é sombra. Ao
declínio do vão do meio dia, vão-se as casas corroendo pessoas.

Tudo com detalhes

Talvez, deseje depor todas as coisas
ordenar veias e pensamentos
diluir o quarto em dedos
soldar teu sono com o vermelho
invertendo o que se destinou por boa gente
tudo com detalhes que, de uma hora pra outra
me atreveria a abandonar por rotinas
que alguém chamasse gastas
pés assentados em Cochabamba
pés viandantes por Compostela
pés que não se desviam de ser pés.

Sagrado

Há outras distâncias
o ermo, as velas
usadas da superfície
ao sabor da ventania.

Ser de outro mundo
sentir o luto, as mãos
quase em prece
ser a pele deste mundo.

Uma estação trai a outra
acirra o desejo de viver.
Temos agora as folhas de antes
amarelecendo num mesmo chão.

Às vezes basta silenciar para ouvir a soma de suas próprias vozes. Há no conjunto dessas vozes um silenciamento. Você todo feito do silêncio das vozes que construiu. Sufocado, travado na consternação de respirar. Nada a declarar com as palavras que o fundaram, da pesquisa empreendida de você mesmo no mundo por tantos anos. Você continua a desafiar a norma e a escrever, sendo agora o fantasma que percorre rastros, aclara possibilidades, revê alicerces, propõe rotas. Você escreve invisibilidades, agencia o silêncio de antigos discursos, percebe que a fuga iniciada ao despistar com as palavras o ferimento da inadequação continua na forma de um caminho em parte exaurido, onde despontaram trilhas e se reorganizaram labirintos, sons, incursões, dizeres. E, por isso, não há mais o que dizer, a não ser o incessante. Incessantemente dizer espaços, órbitas, trens noturnos, praças de guerra. Dizer o corpo preenchido de vozes, miragens, cansado de propor lucidez.

Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



O pai José Cyrilo do Espírito Santo, mãe Geny Justino do Espírito Santo e eu, o guri

Na foto o pai, a mãe e eu guri

Seriam as lembranças da infância um caderno de matérias tatuadas em nossa mente, coloridas e nunca mais esquecidas ou seriam, por outro lado, um frio cárcere de memórias-cicatrizes, tão desprezíveis que, por mais que se tente, não se conseguirá apagar jamais? O meu primeiro fragmento de lembrança deste tempo, pelo menos de início, até que é doce e bom:

Um sapoti caído do pé numa quente madrugada.

As frutas caíam no chão de terra do pátio do colégio interno, ainda úmidas de orvalho. Eram o prêmio para os mais cedo despertados – e lépidos- primeiros a pular do beliche e correr para fora do alojamento.

Não sei quantas vezes fui o premiado. Do que sei bem é o que ficou em mim daquele amarelo manchado da casca do sapoti, em sua evocação de uma memória-delícia, sinônimo de vitória alcançada, marcada por uma única mácula: Os dentes do morcego que mordiscara a fruta, antes de mim, derrubando-a do pé.

A marca do morcego passou a ser o signo das lembranças mais amargas, de tudo que me lembro de ruim naquele tempo.

Do dia em que entrei no colégio interno pela primeira vez, por exemplo, não lembro quase nada. O morcego mordeu este pedaço. Existe um apagão irremediável nesta parte da história.

Tenho deste dia apenas uma vaga e desagradável sensação de ansiedade, que logo virou terror, assim que regressei ao colégio, depois de ter ido, pela primeira vez, visitar a família em casa. Ânias de vômito, náuseas. Esta é a parte mais doída das lembranças.

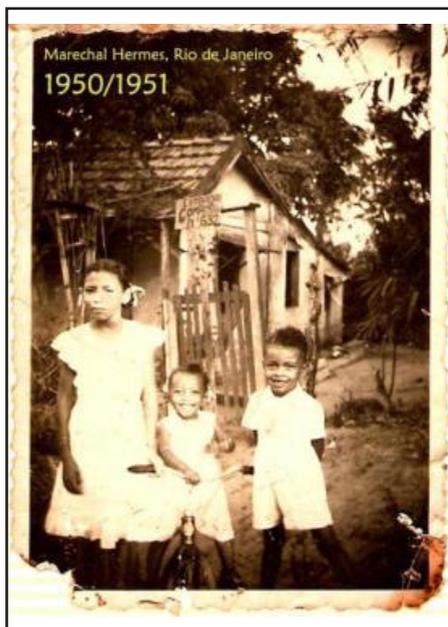
A primeira memória nítida que me vem, logo de saída, é a do ponto de bonde onde saltávamos, eu e Geny minha mãe, na Rua Hadock Lobo, na Tijuca, bem ao lado de um importante colégio de ricos e remediados da época: o Instituto Lafayette.

O prédio do antigo instituto está lá, até hoje, demarcando a geografia de minhas lembranças. Passo sempre pelo local, mas, não consigo encontrar nenhum vestígio do Colégio Vera Cruz (nome oficial da Escola-Prisão) que me parece, ficava mesmo ao lado deste imponente Instituto.

A primeira imagem fugidia, vaga ainda, do que seria uma escola, lugar onde se aprende coisas, foi até mais agradável ainda que o sapoti. O nome já dizia tudo: Jardim de Infância.

Havíamos mudado da casinha velha do bairro de Marechal Hermes que, simples e bela naquela sua arquitetura artesanal, pode ser lembrada pela foto que o soldado José Cyrillo, meu pai, ti-

rou dela, com a máquina Kodak caixote que trouxera da Itália.



Minha tia-irmã Corina, minha irmã Virgínia e eu, feliz da vida, pouco antes da escola-prisão

Minha tia-irmã Corina, minha irmã Virgínia e eu, feliz da vida,
pouco antes da escola-prisão

Minha tia-irmã Corina, minha irmã Virgínia e eu, feliz da vida,
pouco antes da escola-prisão

O novo bairro foi Campo Grande, na antiga zona rural da capital federal. Foi lá o curto, porém intensamente bem vivido, tempo do Jardim de Infância.

Lembro do cheiro do pano do avental novinho em folha, com as minhas iniciais bordadas a ponto de cruz. Lembro de um chapuzinho de palha com uma fita (azul ou vermelha?), xadrez, enlaçada no cocoruto. Lembro da folha de um livro de colorir com um pintinho impresso, vazado e sem cor que eu, maravilhado, pinte com o lápis amarelo (soube, imediatamente, ali, no momento em que inseri as virtuais peninhas amarelas naquele pintinho que, de algum modo, ‘desenharia’ coisas pelo resto da vida).

Tomado de paixão pela caixa de lápis de cor, levei para a sala de aula, no dia seguinte, um postal que meu pai trouxera da Itália e copiei, pela primeira vez, algo que saindo dos meus olhos, fixava-se no papel, como mágica.

Incrível descoberta: Aprendi ali que a rabiscada proa, linda e imponente, de uma gôndola veneziana, poderia me dar o poder de contar para os outros, algo sobre a vida do principal herói da ‘minha’ guerra mundial pessoal.

Pena ter sido tão breve a minha estada naquele jardim de prematuras e indeléveis felicidades, minha derradeira escola convencional.

Logo, tudo escureceu quando em 1951, sequelas do alcoolismo, proveniente talvez do que se chamava na época ‘neurose de guerra’, me levaram o pai e, de roldão, o meu mundinho de criança feliz.

... ‘Criança feliz, feliz a cantar
Alegre a embalar, seu sonho infantil

Ó meu bom Jesus, que a todos conduz
Olhai as crianças do nosso Brasil...’

Não sei porque, nunca mais soube se foi um sonho ou uma miragem a lembrança que marca o começo de tudo na história da primeira escola, depois do Jardim de Infância. Datada, a lembrança que marca o momento preciso de minha ida para a Escola-Prisão, ali por volta dos meus cinco anos de idade, é uma canção insistentemente repetida no rádio.

Desta imagem, fantástica, eu me lembro, como se fosse hoje: Estava gravada no céu azul que encobria o pátio do colégio e foi, certamente, criada em minha cabeça pela visão fortuita da página de jornal de algum inspetor e pelo rádio, que tocava aquela música que para mim ficou, para sempre, associada à uma idéia de tristeza

e melancolia.

..’Crianças com alegria
Qual um bando de andorinhas

Viram Jesus que dizia:
– Vinde a mim as criancinhas...’

Entre um flash e outro da trágica notícia, entremeada com a majestosa voz do falecido cantando, eu ia compreendendo que um tal de Francisco Alves, uma celebridade da época, autor e intérprete daquela canção, havia morrido num acidente automobilístico.

O ano marca por isto, certamente, o início da minha jornada de habitante daquele estranho mundo, engolfado que fui, pelo que soube ser bem mais tarde, uma unidade conveniada do sistema SAM, Serviço de Assistência ao Menor, famigerada instituição criada no segundo governo de Getúlio Vargas para abrigar meninos pobres e órfãos, entre os quais os considerados infratores ou delinqüentes, eram encaminhados para a principal unidade do sistema: A Escola XV (cujo imponente prédio reformado, abriga hoje uma razoável escola pública, no bairro de Quintino, no Rio de Janeiro).

O fato é que, ingenuamente solidário diante das dificuldades de minha mãe viúva, além de influenciado pela foto de uma freira cuidando de um feliz menino – vestindo um paletozinho tweed – no Anuário as Senhoras de 1951, ingressei, pois, em 1952 no Colégio que, logo pude perceber, era uma reles Escola-Prisão, sempre temeroso de, caso cometesse alguma falta – como vi alguns cometerem – ser transferido, para Escola XV, o Presídio-Escola de todos os meus pesadelos.

Esta era – como ainda hoje é, ou muito pior – a lógica crua do sistema de ‘assistência’ às crianças pobres do Brasil. Fosse a minha infância um tenro sapoti, o SAM seria, com certeza, o mais infame dos morcegos.

O traço do Gibi

Não sei o que deu nela, na minha mãe, naquela ocasião. O que de bom teria ocorrido naquela época? Será que ganhou a milhar no jogo do bicho? O que mais poderia ocorrer na vida de uma modesta costureira suburbana?

Talvez ela tivesse conseguido aquele seu primeiro emprego de costureira profissional, num ‘atelier’ de uma daquelas ‘mademoiselles’ com falso sobrenome francês que, motivadas pela abertura na cidade de elegantes magazines de roupas ‘prontas’, encheram de fabriquetas (confeções) o centro da cidade, criando uma enorme demanda por costureiras, bordadeiras, chuleadeiras, overloquistas, etc.

O que sei é que, na visita daquele dia ela não me levava apenas o modesto farnelzinho, com três ou quatro peras embrulhadas, delicadamente, num papel roxo e o saco da adorável rosquinha de coco marca ‘Seara’.

Ela me apareceu desta vez, com uma enorme mala de papelão novinha em folha, forrada internamente, guarnecida com belas cantoneiras pintadas de marrom brilhante, cheia de tudo que ela imaginou que me extasiaria de felicidade.

E quem não se extasiaria com duas latas de leite condensado, muitos sacos de biscoitos sortidos – entre os quais os saborosos Seara’ – peras (e também maçãs) embrulhadas no papel roxinho de sempre, e tantas outras iguarias?

E as muitas revistas de histórias em quadrinhos? E os livros que, apesar de amarelados de tanto terem sido usados, eu – já a esta altura, razoavelmente, alfabetizado – muito apreciava (principalmente, quando eram novelas policiais do Arsène Lupin ou romances, como o inesquecível Robinson Crusoe do Daniel Defoe) livros que eu acho, ela garimpava em sebos do centro da cidade.

ALFARRÁBIOS IX

Caixa de Pandora que era, aquela mala, quando aberta, revelou-se um portal de mil e um encantamentos, glória absoluta para um menino que necessitava, ardentemente, de uma saída qualquer para um mundo fantástico, um portal através do qual ele pudesse escapar daquela vidinha humilhante de órfão na Escola-Prisão.

Foi como se um mundo inteiro de cores e delícias, encaixotadas naquela mala, explodisse, igualzinho como explode um feliz boneco-palhaço de mola, nos levando do susto à gargalhada, pulando da caixa presenteada, exatamente, para nos fazer sorrir alguma felicidade fortuita.

Finda a visita, levei correndo a mala para o pátio. Onde a guardaria? Não tínhamos ali armários ou qualquer coisa parecida com privacidade, além do colchão imundo e da colcha encardida de nosso beliche.

Andei com aquela mala para baixo e para cima, pelo pátio durante todo o dia, sentando nela entre uma e outra brincadeira. Dormi com ela, transformando-a num duro travesseiro que não atrapalhou, nem um pouco, os meus irrefreáveis bons sonhos de menino rico por um dia.

Foi logo que acordei que decidi guardar a mala naquele vão meio escondido de um corredor do pátio. Naquela minha estúpida inocência de guri, aquele me pareceu um covil bastante seguro.

Gelei quando ouvi a gritaria vindo exatamente do vão do corredor. Corri para a turba que, ao me ver debandou completamente. No chão, a mala saqueada, em frangalhos. Não chorei. Num colégio interno, mesmo tendo apenas oito anos de idade, um homem não chora.

Minha mãe, a partir dali me trouxe muitas e muitas outras revistas e livros. O trauma da mala no entanto, ainda hoje me acompanha, tremo e tenho sensações de perda irreparável, só de lembrar daquela algazarra ensandecida dos saqueadores.

Os meus sonhos de voar devem ter começado também ali, naquela época da mala. Eram sonhos muito reais. Difícil aceitar que não fossem a mais pura realidade.

Dava um pulo para o alto e levitava um pouco, ainda de pé. Dava outro salto e conseguia me manter flutuando no ar. Subia, alcançava as nuvens e ficava por lá, passeando pelo céu, sentindo o frio gostoso da brisa úmida que transpassava as nuvens. Como continuei a tê-los, por muito tempo, sei que eram claros sonhos-desejo de fuga, sonhos de liberdade.

Assisti a várias fugas reais, mas, nunca tive coragem para fugir. Quando olhava o muro alto tremia de medo e me contentava em ficar imaginando o fugitivo feliz, com a adrenalina a mil, olhando para trás, até o bonde sumir numa esquina. O barulho das rodas do bonde martelando os trilhos ficou sendo para mim, para sempre, o som exato, trilha sonora perfeita daqueles sonhos, quase filmes, sobre Liberdade.

(Memórias e sonhos são mesmo como cinema, alguém já disse)

Assim, como uma lembrança puxa uma outra e, a propósito, me lembrei também do cineminha do colégio, que acontecia, de vez em quando. Os sinais de que haveria filme naqueles dias eram claros: Freiras, peças raras por ali, atravessavam o pátio de tardezinha, rumo ao galpão onde um inspetor montaria mais tarde um velho projetor Bell & Howell 16mm.

E nós ali, com os olhos brilhando como estrelas ou pupilas de gatos na noite.

A roupa do Guri

Era uma roda com todos os meninos nela, eletrizados com algo que olhavam no chão do pátio.

ALFARRÁBIOS IX

Me enfiando entre os mais pequeninhos que eu, fui vislumbrando a imagem impressionante de um cowboy rabiscado no chão, com dois enormes revólveres apontados para a assistência muda.

O ‘rabisco’, vestido com botas de cano longo, lenço no pescoço, cinturão de fivela, fumava, displicentemente um cigarro, do qual esvaía uma fumaça mágica, porque nada mais era que um risco na terra seca. Não só a fumaça, tudo havia sido riscado com um imundo e reles palitinho de fósforo, que o orgulhoso e emocionado artista achara por ali mesmo, no chão.

Talvez, não me lembro, tenha me vindo à cabeça nesta hora, a imagem do pintinho do jardim de Infância. O certo é que senti, ali, de novo, o inexplicável prazer, inoculado que fui pelo vício da descoberta, de que se pode sim, contar coisas para os outros, conversar com as pessoas por meio de simples imagens, signos, rabiscos, estas coisas.

Se podia escrever tudo que quiséssemos, sobre o mundo, sobre a vida, apenas com rabiscos, foi o que aprendi naquele pátio feito escola. Grande milagre da vida.

Não sei por quanto tempo o tal menino artista ficou no colégio. Me lembro, contudo, de ter visto muitos outros desenhos dele expostos no chão do pátio. Me lembro, aí sim, bem mais claramente que, pouco tempo depois, chegou a hora de desenhar, eu mesmo, a minha própria obra prima admirável:

Um galeão, copiado de uma imagem do gibi do Fantasma-que-anda, foi o que fiz. Exatamente o galeão da primeira história da série, na qual o primeiro Fantasma, chegava na praia próxima à selva de Bengala, quase morto, depois de ter escapado de um navio de sórdidos piratas, que era visto na gravura, ainda ancorado ao largo.

E lá estava eu, me sentindo o rei de todos os mares da imaginação, olhando não menos emocionado que o meu inspirador, o meu pró-

prio rabisco sendo admirado pela intrigada garotada.

O mais belo e incrível de tudo é que, os desenhos que fazíamos, eu e meu inspirado antecessor (como numa disputa de artistas plásticos emergentes), ficavam intactos no pátio por dias e dias, sem uma pisadinha sequer.

O turbilhão e correrias e brincadeiras que fazíamos (entre as quais o violento jogo da ‘Carniça’ predominava) ocorriam ao largo dos desenhos que iam se apagando e esmaecendo apenas com o tempo, lentamente, soprados por alguma leve brisa de fim de tarde ou alguma garoa.

Era como se o pátio fosse o sagrado museu a céu aberto da nossa emocionada – e quase inacreditável – iconografia infantil.

O ansiado dia de visitar a família em casa (sempre num sábado do mês), era um tormento sem tamanho porque, nunca sabíamos que hora a inspetora gritaria o nosso nome, com um embrulho de papel com a nossa roupa ‘civil’ na mão. Ficávamos amontoados em frente ao portão entreaberto, tentando ver se alguém da família aparecia na fresta. É que tínhamos medo, pânico mesmo de, num dia destes acontecer de ninguém da família aparecer.

A roupa ‘de sair’, quando voltávamos no fim do Domingo, era deixada na portaria e levada com a nossa mãe para casa. O pacote de roupa ‘da rua’ era muito ansiado também porque não tínhamos nenhuma roupa sobressalente para usar no colégio.

O macacão de brim azul, ficava imundo em poucos dias de uso. Não teríamos outro por meses a fio. O melhor era cuidar para que ele não ficasse muito puído e rasgasse no joelho (coisa quase impossível de não acontecer). Dormíamos e acordávamos com aquele macacão surrado, nojento, que só tirávamos para tomar banho.

ALFARRÁBIOS IX

Éramos organizados em bandos de quatro a cinco meninos. Tínhamos, como os presidiários adultos, números por meio dos quais éramos identificados no colégio, até que um apelido mais específico nos fosse aplicado. A eleição de um líder se dava por meio de disputas físicas ou mesmo por intermédio de ações aceitas como demonstração de heroísmo explícito.

O líder de meu grupo era o ‘Leiteiro’ (por ser cor de leite, um dos raros brancos da Escola-Prisão) que foi alçado a função depois de ter prometido (e cumprido) engulir mais de dez botões de roupa no espaço de um mês. Assumi a chefia de nosso ‘bando’ assim que retornou da enfermaria depois de comer 32 botões!

Cada um de nós tinha uma escova de dentes que era, cuidadosamente afiada em alguma superfície cimentada, para fazer as vezes de arma, de estoque como os dos presos adultos.

Assisti a diversos embates no pátio. Cercávamos os dois brigões numa roda compacta e incitávamos, um contra o outro, doidos para ver o sangue correr. As brigas eram à socos, pontapés e estrangulamentos, violência pura e franca como a de animais em disputa por território ou comida.

Quando um dos dois era atingido gravemente pelo outro, com um golpe mais certo e sangrava (geralmente no nariz), gritávamos, ensandecidos, a senha que declarava a luta por encerrada, com a consagração do vencedor:

— ‘Tirou melado! Tirou melado!’

Outra imagem bem vívida destes primeiros anos, era a da garota formada no pátio, ao cair da tarde, ao lado do alojamento onde dormíamos. A ‘formatura’ era rígida e marcial, com gritos de ordem unida que hoje soariam ridículos quando consideramos que nós, os internos, não passávamos de uma medíocre tropa de menininhos magricelas, com idade entre os cinco e os quinze anos.

Contudo, cumpríamos as ordens, mesmo detestando, nos sentindo compulsórios soldados reais.

_ Pelotão...Sentido!
 _ Cobrir!
 _ Descansar!
 -Ordinário...Marche!

Para mim, pensando bem, até que a ‘formatura’ não era assim tão ridícula porque, logo depois da ordem unida, o clima ficava diferente, agradável mesmo, por causa das músicas que cantávamos.

O repertório era, a princípio, aquele, formalmente, utilizado em todas as escolas da época, hinos cívicos tradicionais, “qual-cisne-branco-que-em-noite-de-lua, ‘já-podeis-da-pátria-filhos’. Mas, o prazer maior chegava na hora em que, entre contritos e embevecidos, entoávamos aquelas dolentes canções ‘indígenas’ de Heitor Villa Lobos. Dormíamos bem, como anjos, nos dias em que cantávamos Villa Lobos, naquela semi escuridão do pátio ao anoitecer.

Ninguém nunca nos perguntou porque ficávamos tão emocionados, principalmente, com aquela canção, da qual eu me lembro bem até hoje, que falava de um tal de Anhangá que fugiu:

...Ó manhã de sol! Anhangá fugiu!
 Anhangá! Hê!Hê !
 Ah! Ah! Foi você
 quem me fez sonhar...’

 Não que tenha esquecido, mas, pouco me lembro de professores. Pelo que recordo, praticamente não os tínhamos. Me recordo vagamente das aulas em que fui alfabetizado, do cheiro de massa de modelar levada, uma única vez, por uma diligente professora e só.

Nossa referência ‘educacional’ eram os chamados ‘inspetores’, fi-

guras musculosas, com as camisas de mangas curtas arregaçadas, para mostrar a nós, esqueléticos meninos, a ameaçadora desproporção entre seus bíceps e nossos bracinhos finos como gravetos.

Os inspetores homens (havia entre eles algumas poucas mulheres) eram, pelo aspecto, jovens policiais, praticantes de luta livre e Jiu Jitsu. Lembro de dois deles. Um que usava uma vareta dura de madeira (como uma batuta de maestro) com a qual fustigava as costas e as pernas dos meninos ‘indisciplinados’ e outro que, ironicamente, usava uma grande régua de madeira, com a qual gostava de acertar o vão das orelhas dos rebeldes incorrigíveis.

Verdadeiros ‘desensinadores’ que eram, usavam a régua com truculência ‘educativa’, como método pedagógico’ mesmo. Boçais como a sociedade que os criara. Que Deus os tenha.

É deles, dos carcereiros-inspetores da Escola-Prisão, a penúltima imagem que me ficou na memória, não por acaso, a mais constrangedora:

Numa formatura silenciosa, sem jantar, sem ordem unida, sem música de Villa Lobos, sem hinos cívicos, sem nada, ficamos perfilados noite adentro por cerca de quatro horas, com os braços direitos estendidos, com as mãos espalmadas, pousadas no ombro do colega da frente. Aqueles que, não resistindo à dor, deixavam o braço pender para baixo, recebiam golpes da vara que os inspetores ainda neste tempo, portavam como instrumento de poder e coação.

A intenção deles com a tortura coletiva era clara: Alguém teria que denunciar quem entre nós, havia feito uma das denúncias que haviam vazado para fora do colégio, engrossando o que hoje imagino ter sido uma grave crise no sistema SAM que, ali por volta de 1959, parecia prestes a ruir com novas denúncias sobre bárbaras torturas na Escola XV.

ALFARRÁBIOS IX

Dos motivos sabíamos alguns poucos detalhes. Havíamos sido, rapidamente, transferidos da Tijuca para um bairro distante do centro (se não me engano, Jacarepaguá). A comida, de resto sempre ruim, estava agora intragável. Dias antes, alguns meninos haviam baixado enfermaria, depois de ingerirem carne estragada. As mães, alarmadas pelas notícias que, ao que parece, já haviam saído na imprensa, passaram a deixar algumas moedas conosco, com as quais comprávamos algo para enganar a fome, bolos, balas, laranjas, através do portão principal.

Na visita seguinte, faminto como todos os outros, decidi confessar a minha mãe que não dava mais para ficar ali.

É esta decisão que deflagra então a nossa última memória que, como se fosse uma volta simbólica ao Jardim de Infância, é a minha lembrança mais querida:

O bonde, a cortininha de lona levantada, o trajeto arborizado por entre as ruas da Tijuca. A música bem ritmada dos trechos de trilhos percorridos, exatamente, a mesma música da fuga dos outros.

Música dura e com faíscas eletrizantes. O ferro da roda do bonde atritando o ferro de memórias que, agora que foram contadas, explodidas para fora da mala, caixa de Pandora aberta que era, não podem mais ser apagadas por ninguém.

Minha honra e meu mérito escolares foram, portanto, muito mais do que ter permanecido lá, ter ali compreendido que a rota de fuga para a liberdade, era a única matéria que realmente merecia ser aprendida.

Escapar íntegro da Escola-Prisão e ter espantado os morcegos da minha vida, entre todos, é o meu único diploma válido, exposto com orgulho na lousa destas minhas remotas memórias, para sempre felizes por serem eternamente infantis.

Spírito Santo
Fevereiro 2008

Tânia Ribeiro Roxo

Tânia Ribeiro Roxo é jornalista, poeta e apaixonada por fotografia. Foi premiada na categoria Poesia, no II Festival de Contos e Poesias do CLARON, em 2016. Teve o poema ATO DE DESESPERO incluído na antologia GRITOS CONTIDOS, em 2017. Desde agosto de 2016 organiza eventos literários em Niterói, através do projeto Literatura na Varanda.

Calçada

O inseto passeia pela grande fenda coberta de limo

Que racha a minha velha calçada

Rua larga cheia de obstáculos para aquele pequeno ser

Em cada esquina, uma nova imperfeição

Ali se escondem cicatrizes, marcas, relevos, erosões, pedadas

Ali habita o meu passado

Três décadas ou mais de histórias

ALFARRÁBIOS IX

Calçada que envelhece

Rugas na superfície

Placas que saltam do solo

Se partem frágeis por entre as raízes das altas Amendoeiras

Ali a grama encobre a minha infância

Minhas ilusões e fantasias

Tempo que não volta mais

Piso em minha vida estampada na beirada da rua

Que testemunha através dos pequenos passos daquele inseto

Uma vida inteira

Tânia Ribeiro Roxo

Final do dia

Uma mulher adormece no sofá

Com os pés enrolados ao cobertor

A TV ainda ligada (sem volume)

Os braços pendem até o chão

A respiração é profunda

Seu rosto me transmite paz

Portas e paredes mudas

Penumbra

O único som vem do motor da geladeira

Final do dia, onze horas

Amanhã será igual

Tânia Ribeiro Roxo

Minha Gaveta

Minha gaveta

Tem cheiro do Passado

Papéis amarelados

Fotografias

Bugigangas

Minha gaveta guarda

Cartas de ex-amores

Uma medalha de Ouro

Um chaveiro quebrado

Minha gaveta de Cedro

Tem poeira e farpas

Minha gaveta-cubículo

Esconde memórias

Pedaços de histórias

Em diários secretos

Tânia Ribeiro Roxo

Farpa

Uma farpa atravessada na minha pele

Flecha fincada na carne

Delicada superfície

O estranho habita ali

Nas entranhas da cútis

Oculto entre os poros

Propaga a dor

Lateja no ritmo do pulso

Farpa invasora

Tânia Ribeiro Roxo

Tchello d'Barros

Neste 2018 o artista multimídia Tchello d'Barros comemora seu jubileu de prata de dedicação à Arte e à Cultura. Desde 1.993 que sua trajetória nas linguagens de Literatura, Artes Cênicas, Artes Visuais e Audiovisual vem sendo pontuada por textos publicados em mais de 50 livros e obras visuais que participaram em cerca de 150 exposições no Brasil e Exterior. Já no segmento da sétima arte, são cerca de 50 contribuições na condição de roteirista, diretor, fotógrafo de still e eventualmente diretor de arte e ator. Além de coordenar a exposição itinerante e retrospectiva da exposição individual de Poesia Visual “Convergências”, tem apresentado em diversas instituições sessões com seus filmes, como o documentário “Boi Misterioso”, os curtas “Namorada” e “Quantas Ave-Marias?”, o videoarte “Devorável” e os videodanças “Evanescências” e “Penélope”, este último pela Fluxo Filmes. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

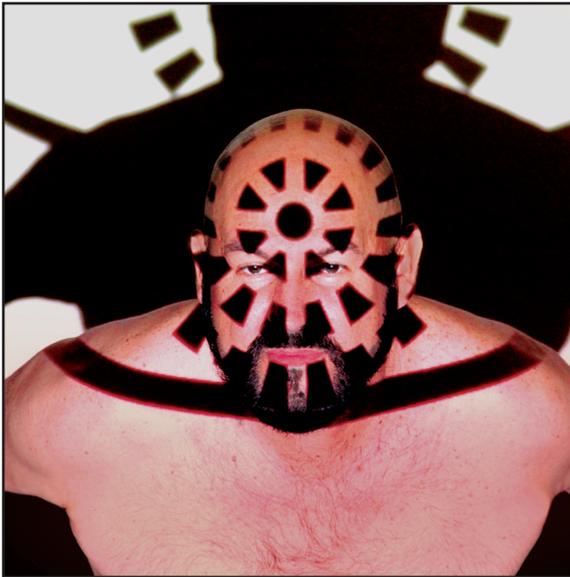


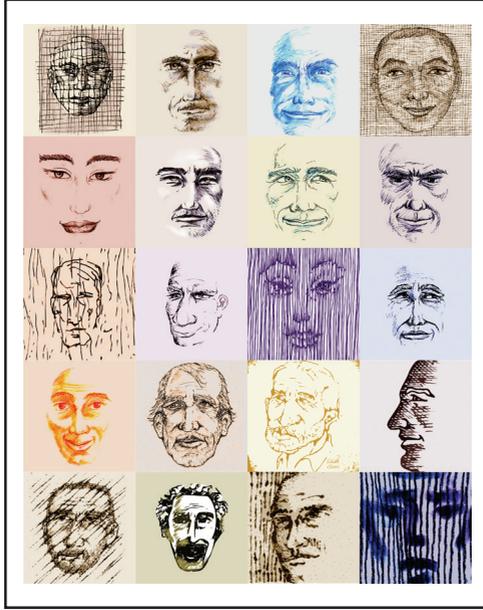
Foto de Cacau Fernandes

Série “Semblanteria”

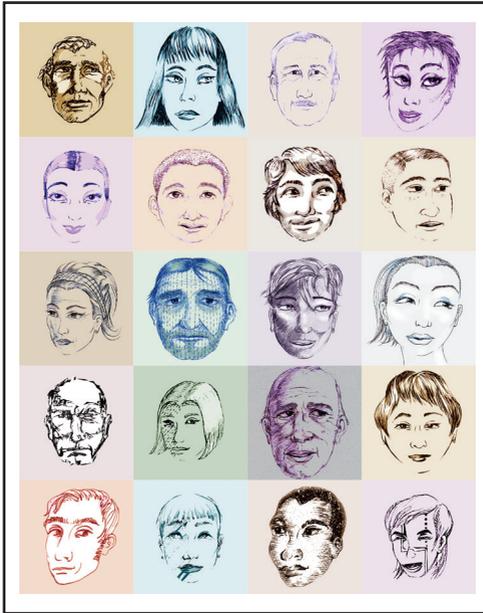
Os desenhos da série “Semblanteria” são uma obra em progresso que vem sendo desenvolvida há uma década e consiste em fotografar de forma discreta, pessoas anônimas em situações do cotidiano, em diversos pontos do Brasil, a partir das viagens realizadas em função das atividades culturais diversas. Trata-se de um exercício de Fotografia-de-Rua, numa vertente mais intimista, que tenta captar expressões, sentimentos e semblantes de nosso povo durante os afazeres do dia a dia. Posteriormente há um segundo exercício de desenho de observação, onde as imagens fotográficas dos rostos são desenhadas, onde são retiradas camadas identitárias do retrato original e são somados efeitos plásticos na diagramação da imagem final. Por último, há ainda um procedimento de escaneamento da figura desenhada, onde será finalmente adicionada uma tonalidade de fundo na superfície da imagem. O resultado são gravuras digitais de pessoas que o autor jamais saberá quem são e que muito provavelmente jamais saberão que contribuíram com seus semblantes para esta série que desenha um pouco da pluralidade de nosso povo brasileiro.

De acordo com o crítico e curador Sid Azevedo (PB), “Tchello transborda a identidade anônima do re-trato pelo viés de filtros diversos, pois o que o interessa em seu trabalho não é a identificação de uma persona definida, mas a emergência de um sujeito multifacetado em espectros efusivos, é a busca de uma essência universal humana além das máscaras raciais, sociais e políticas. O artista mesmo se tele-transporta para o universo do outro e se metamorfoseia na sua própria obra em Tchello-transfigurações transcendententes onde os recursos técnicos dos quais se vale em seu fazer importam como expedientes retóricos através dos quais o poeta descortina na materialidade expressiva seu Eu intangível.”

ALFARRÁBIOS IX



Tchello d'Barros - Pg. D - Série Semblanteria



Tchello d'Barros - Pg. C - Série Semblanteria



Tchello d'Barros - PPg. B - Série Semblanteria

Tchello d'Barros

tchellodbarros@yahoo.com.br

FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros

Rio de Janeiro (RJ) Brasil

Winter Bastos

Autor do livro de crítica literária “Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto” (Editora Achiamé, 2005). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011); menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013); 1º lugar (em 2016) e 2º lugar (em 2017) no Festival de Contos do Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói; 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos de Terror. Faz o fanzine O Berro (oberrofanzine@gmail.com – caixa postal 100.050, Niterói, RJ, CEP 24020-971).

Metamorfoses

Ah, Fabiana. Cabelos longos, castanhos, presos nos dias quentes, expondo mais o pescoço suado. Na quadra de vôlei, ela enxugava a testa, afastava um pouco as pernas e aguardava o saque adversário. Coxas grossas, curvas lindas, Fa-bi-a-na.

Precisava enfrentar a timidez, conversar, chamá-la para sair. Não aguentava mais o tormento de ficar apenas sonhando com ela, distante. Agora, como puxar papo? Já tinham trocado ideias sobre provas e matérias do colégio, mas nada muito além disso. Um dia num grupinho, surgiu a conversa sobre uma banda pop que iria tocar na pracinha do centro da cidade.

– Que tal a gente ir? – perguntou Luís.

ALFARRÁBIOS IX

Fabiana respondeu que topava se os outros também quisessem. E assim ficou combinado.

Ele foi o primeiro a chegar. Logo a colega apareceu junto ao palco. Ficaram conversando sobre música. Depois vieram Antônio com a prima Gabriele, Orlando e Maria. Aí o papo gravitou em torno de aulas, professores e outras chateações. Luís pensava em como era maçante a cidade, o colégio, tudo.

– Será que esse show demora a começar?

Fabiana o puxou pelo braço e disse ao grupo:

– A gente vai dar uma volta e daqui a pouco está aí.

A atitude foi surpreendente, sem dúvida. Luís se sentia um joguete. Sua vontade era abraçar aquela garota “tão linda, tão linda”, mas como?

– Fabiana, você gosta de ler?

– Depende, se o livro for bom...

– O que você acha bom?

– Ah, muita coisa – deu um sorriso malicioso, não parecia se referir a leituras.

Quando retornaram ao grupo, Maria dizia, animada, que a banda já estava no palco. Gabriele bocejava enquanto Orlando tagarelava a seu lado. Antônio tinha os olhos fixos na guitarra.

Ao início da primeira música, Luís segurou a mão de Fabiana, que logo reclamou:

– Você pode me largar?!

A frase foi dita alto. Havia sido mesmo para os outros ouvi-

rem. Debochada, Maria riu baixo. Gabriele sorriu apenas, mas, ao longo do show, ia cochichar com Fabiana. Orlando ficou só constangido. Alheio como sempre, Antônio não percebeu nada, permaneceu vidrado no palco até os músicos irem embora.

Em casa, Luís se meteu logo na cama. Tentou, em vão, dormir. Tudo era detestável: a cidadezinha, o tédio, colegas estúpidos, garotas todas fúteis. Levantou-se, foi até a sala. Apanhou ao acaso um livro na estante. Gostou do título: A Metamorfose. Leu noite adentro. Desde então aquela narrativa fascinante se incorporara a sua vida, profunda e permanentemente.

Já gostava mesmo de leitura, mas a partir dali ela se tornou mais que um divertimento: passou a ser seu refúgio.

Prestou vestibular para Direito, no entanto sua paixão era, de fato, a literatura. Entremeava estudos com a leitura de romances. Formou-se. Começou a advogar e, sempre que dava, inseria um trecho literário no meio duma argumentação jurídica – um momento de beleza dentro da aridez processual.

Um dia, voltou à cidadezinha para visitar os pais. Em seu velho quarto, examinou o armário e achou fotos antigas, a caderneta da escola... Deparou-se com um livro do qual não se lembrava. Ao abri-lo, porém, teve uma surpresa, o volume tinha seu nome, com sua letra. Que raio de livro era aquele?

Puxando pela memória, conseguiu lembrar que o professor promovera uma votação sobre qual obra leriam naquele semestre. A vencedora foi aquela: uma história de aventura, mistério, sensualidade, bem ao agrado dos adolescentes. Luís adorara, todavia acabou esquecendo o romance pouco depois da leitura. “Vê só como são as coisas...”

Continuando a mexer no armário, encontrou o retrato de

ALFARRÁBIOS IX

formatura da turma do 1º grau. Achou-se bem, fotogênico. E pensar que sempre se considerara feio perto dos colegas... Ali, pelo contrário, parecia talvez o mais bonito.

E Fabiana, não estava na foto? Encontrou-a no canto, de pé. Cabelos longos, cheios demais, busto grande, quadris um tanto exagerados, seu sorriso exibía uma falha entre os dentes. “Vê só como são as coisas...”